

UM CORPO ESTRANHO NO SANTUÁRIO: DISCURSOS INSTITUCIONAIS E EXPERIÊNCIAS DE INDIVÍDUOS HOMOSSEXUAIS ENTRE PENTECOSTAIS, NEOPENTECOSTAIS E CARISMÁTICOS CATÓLICOS

A FOREIGN BODY IN THE SANCTUARY: INSTITUTIONAL DISCOURSES AND EXPERIENCES OF HOMOSEXUAL INDIVIDUALS FROM PENTECOSTAL, CHARISMATIC AND CATHOLICS CHARISMATICS

FABIANA DE SOUSA CASTELO BRANCO DE MELO SILVA²

Recebido em: 22/03/2011

Aprovado em: 02/05/2012

RESUMO

Neste artigo temos como objeto de estudo os discursos institucionais religiosos sobre a homossexualidade, bem como as experiências de indivíduos homossexuais no âmbito da Assembleia de Deus, da Igreja Universal do Reino de Deus e de grupos Carismáticos católicos, em Campina Grande. Nossa perspectiva teórica teve em Goffman sua inspiração principal, complementada pelo debate da sociologia e antropologia brasileiras sobre a temática. A metodologia adotada incluiu a aplicação de questionários aos membros da Associação de Homossexuais de Campina Grande, e a realização de entrevistas semiestruturadas com uma amostra intencional, não aleatória, construída entre os membros da referida associação, e com uma amostra não aleatória de líderes religiosos das instituições citadas. Dentre as principais conclusões mais gerais do trabalho, destacamos as seguintes: (1) os posicionamentos tanto católicos como evangélicos observados expressam a persistência de uma rejeição às práticas homossexuais, qualificadas como pecado a partir de diferentes estratégias discursivas e práticas cotidianas; (2) as diferentes formas de rejeição e desqualificação da diversidade sexual sustentadas por esses discursos produzem e reproduzem formas de estigmatização, além de influenciarem os processos de constituição das subjetividades e das identidades dos homossexuais.

Palavras-chave: Homossexualismo; Discurso religioso; Religião.

ABSTRACT

In this article we have as research object the institutional religious discourses on the homosexuality, and as well the experience of homosexual individuals in the God Assembly, Universal Church of God's Kingdom and into charismatic catholic groups in Campina Grande. Our theoretical perspective had in Goffman its main inspiration and was also based in the anthropological and sociological debate on the subject. As data collection instruments we used questionnaires, which were answered by Campina Grande's Homosexual Association members, and we also carried out semi-structured interviews with an intentional sample of those members and with religious leaders of those institutions cited above. Among the main outputs of our research we point out the following: (1) the conceptions both catholic and evangelical we observed in interviews and questionnaires express the persistence of a rejection of homosexual behavior, which are defined as sin through diverse discursive strategies and day by day practices (2) the different forms of rejection and disqualification of sexual diversity we found in those discursive strategies and practices produce and reproduce stigmatization forms, an also influence processes of homosexual subjectivities and identities.

Keywords: Homosexuality; Religious discourse; Religion.

¹ Este artigo baseia-se na dissertação com mesmo título do artigo apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.

² Mestra em Sociologia e Graduada em Pedagogia pela UFCG – Universidade Federal de Campina Grande.
Email: fabianacbranco@hotmail.com

1 Introdução

Como diferentes religiões lidam com o tema da homossexualidade na sociedade contemporânea? Quais os limites de interferência da religião nas esferas pública e política, no que se refere ao exercício da homossexualidade e às suas conquistas sociais? Essas são questões que provocam grandes polêmicas entre religiosos e homossexuais em todo mundo.

Apesar das lutas pelos direitos humanos proporcionarem, uma crescente abertura nas sociedades ocidentais contemporâneas, às reivindicações de várias categorias sociais estigmatizadas, o discurso das Igrejas Neopentecostais e Pentecostais tradicionais e o dos Católicos Carismáticos a respeito da homossexualidade ainda continuam exercendo uma grande influência na produção e reprodução de práticas discriminatórias e vêm provocando conflitos entre esses grupos e os dos heterossexuais.

Com a ascensão do Cristianismo como religião oficial do Império Romano, no século IV, a doutrina sobre sexualidade restrita ao casamento heterossexual monogâmico ganhou um grande peso, de maneira que as sexualidades periféricas passaram a ser alvos de perseguições de tortura e da Inquisição na Idade Média.

A posição oficial da Igreja é contrária à prática da homossexualidade, principalmente acerca da sua legitimidade. Segundo Natividade (2006, p.5), “as instituições religiosas apresentam uma caracterização negativa da homossexualidade, acentuando os aspectos de uma “vida pregressa” associada a um comportamento desordenado, imoral e que conduz ao sofrimento”.

Na Igreja Católica os pecados sexuais eram concebidos de duas maneiras: os de acordo com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto) e aqueles contrários à natureza (masturbação, sodomia, homossexuali-

dade e bestialidade). O segundo grupo, o daqueles contra a natureza, é geralmente definido como mais grave por ferir o critério de procriação, constituindo um abuso mais radical da sexualidade humana, conforme discurso sedimentado historicamente (FOUCAULT, 1988, p. 45).

A associação do sexo ao pecado ainda é uma realidade na grande maioria das religiões cristãs, segundo as quais os indivíduos que praticarem relações sexuais fora do casamento, bem como fora dos padrões da “suposta” normalidade, são considerados pecadores, devendo se confessar e se penitenciar para purificar sua alma. Essa crença produziu a estigmatização de inúmeras categorias de pessoas e a perseguição aos homossexuais, classificados na Idade Média como “sodomitas” (RANKE-HEINEMANN, 1988/1999, p. 88).

Segundo Foucault (1988, p.50), “a caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e uma nova especificação dos indivíduos”. No campo dos considerados desvios sexuais, surge a figura do homossexual como uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma, que inverteria em si mesmo o masculino e o feminino, o que, segundo o cristianismo medieval, deveria ser combatido.

A partir dessas concepções, criou-se um imaginário religioso sobre a figura dos homossexuais entre os que exerciam práticas sexuais heterodoxas. Esses discursos morais de inspiração religiosa influenciaram a humanidade até o tempo presente e se perpetuaram nos discursos de protestantes e católicos. A moral religiosa medieval compreende as práticas homoeróticas como uma “anormalidade”, uma “patologia”, “uma distorção do ser humano normal” ou “uma forma de possessão”, numa retórica que propaga a idéia de homossexuais como sujeitos carentes de cura, de correção e de regeneração.

Alguns cultos religiosos cristãos – a exemplo dos neopentecostais

– pregam que a homossexualidade seria uma possessão ou opressão demoníaca, resultante da invasão de seres espirituais maléficos no indivíduo, os quais poderiam ser expulsos, deixando a vítima em um suposto estado natural – heterossexual.

Após a Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica, surgem novos mecanismos de “correção”, como a psiquiatria e a psicologia, às quais é transferida a missão de corrigir tais desvios sexuais, anteriormente passíveis de castigo eterno, passando estes a serem encarados como um problema da vida e/ou como uma doença. Essa percepção perdura até a época moderna.

No interior das igrejas pentecostais e neopentecostais, emerge um modelo das práticas discursivas que consideram os homossexuais como efeito de possessão ou influência demoníaca, um problema espiritual, cuja solução se encontra na experiência religiosa. Esse discurso adquire um colorido particular a partir da noção de batalha espiritual, que concebe as práticas homossexuais como parte de um embate entre o bem e o mal, signo da batalha que se opera no mundo – e no corpo do indivíduo – entre anjos celestiais e hierarquias demoníacas. Comunidades pentecostais e neopentecostais sinalizam, assim, para a possibilidade de libertação espiritual no âmbito da sexualidade (NATIVIDADE, 2003a; 2003b). Segundo Mariz (2001), exemplos de práticas desse discurso são as “sessões do descarrego”, rituais denominados de “cultos da libertação”.

Outro discurso presente, tanto no cenário protestante como no católico, é a visão psicológica da homossexualidade, segundo a qual a referida prática seria fruto de uma marcante experiência passada. Essa visão contribui para a constituição de uma identidade sexual deformada e compreende a homossexualidade como consequência da socialização em lares disfuncionais, de famílias desestruturadas, experiência

que acarretaria uma distorção de personalidade por meio da identificação com papéis de gênero inadequados. Nessa retórica, a gênese da homossexualidade é associada às categorias de abuso, de abandono e de violência. No âmbito do neopentecostalismo, as práticas homocorporais poderão constituir-se ainda em consequência do vício sexual do qual o indivíduo poderá vir a se curar pela agência do Espírito Santo sobre as lembranças. Subjaz à perspectiva religiosa a concepção do padrão heterossexual como divinamente ordenado, expressão da vontade de Deus, atribuindo-se aos desvios da norma o lugar de antinatureza.

Entre os grupos religiosos escolhidos para análise, existe, no ethos pentecostal, um forte componente moral que condena explicitamente práticas classificadas como homossexualidade. Em razão da rápida expansão de denominações evangélicas ditas neopentecostais (principalmente da Igreja Universal do Reino de Deus), o referido discurso moral vem sendo rapidamente difundido e reproduzido nos cultos e nas pregações dos membros dessas instituições, fator que auxilia na disseminação dos discursos homofóbicos.

Com a criação e a ascensão dos direitos humanos, as minorias sociais, que eram tidas como invisíveis até pouco tempo, começam a ganhar uma maior visibilidade na sociedade contemporânea. Entre esses grupos minoritários, podemos destacar o dos homossexuais, que passam a se reunir em associações e a lutar contra os discursos homofóbicos criados pela religião ao longo da história.

A religião, segundo Natividade (2006), “é uma instância de controle e criação de discursos, visto que ela estabelece sistemas simbólicos capazes de fornecer sentido à ação social, introduzindo disposições e motivações, um certo modo de ver, apreender e entender o mundo” (GEERTZ, 1989 apud NATIVIDADE, 2006, p. 4).

De acordo com Orlandi (2007, p.30), as condições de produção de um discurso incluem o contexto sócio-histórico e ideológico, além da criação de um imaginário. A partir dessa afirmação, sustentamos que o discurso cristão sobre o homoerotismo, amplamente difundido no Ocidente desde a Idade Média, continua a ser alimentado e reproduzido na contemporaneidade, não apenas pelas instituições religiosas cristãs mas também pelas instituições médicas e jurídicas e pelo imaginário social.

Nesse sentido, torna-se justificável estudar quais valores são difundidos pelo discurso religioso e a contribuição deste na formação de um imaginário social, bem como identificar os efeitos deste na vida dos indivíduos homoafetivos.

De acordo com a moral cristã, a principal função da sexualidade é a procriação. Constituiu-se, com base nessa visão, um amplo espectro de práticas sexuais consideradas “ilegítimas”, por serem definidas fora da intenção procriadora, devendo, portanto, serem reprimidas.

Ao longo da história humana, uma das funções da religião tem sido a de estabelecer regras morais, visando o controle das condutas humanas, dentre as quais a regulação da sexualidade, que aparece como umas das principais preocupações em termos da governabilidade dos indivíduos (FOUCAULT, 1988). As mudanças recentes apresentam-se no contraste entre perspectivas hegemônicas e minoritárias. Tensões são evidenciadas, relativas aos direitos humanos e ao exercício da sexualidade.

Algumas instituições religiosas cristãs – tais como as que estudamos aqui, a Assembleia de Deus (AD), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e os grupos católicos carismáticos entendem a homossexualidade nos seguintes termos: 1) trata-se de um comportamento aprendido; 2) trata-se de um problema espiritual; 3) é uma antinatureza. São esses conceitos que

fundamentam o posicionamento mais geral dos evangélicos de que o homossexualismo não representa um atributo natural do sujeito. Subjacente à concepção de que essas práticas podem ser abandonadas pela restauração e pela cura, existe a ideia de uma natureza heterossexual (NATIVIDADE, 2006).

O presente artigo analisa discursos institucionais religiosos das igrejas apreciadas nesta pesquisa a respeito dos indivíduos homossexuais e as experiências cotidianas desses indivíduos como membros dessas instituições.

Dividimos o artigo em três capítulos. No primeiro capítulo são abordados os discursos das igrejas pentecostais, neopentecostais e de grupos católicos carismáticos sobre a homossexualidade, mostrando que os discursos cotidianos apóiam-se em concepções antigas, as quais têm suas raízes na Idade Média; no segundo capítulo, discutimos a teoria do estigma social e das representações cotidianas, conforme elaboradas por Goffman; e no terceiro e último capítulo analisamos os dados sobre as vivências cotidianas dos indivíduos homossexuais que congregam nestas instituições e como ocorrem os processos de manipulação do controle expressivo por eles utilizados.

Para analisar a interface entre experiências classificadas como homossexuais e experiências religiosas, escolhemos estudar a Assembleia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus e grupos da Renovação Católica Carismática. Aplicamos um questionário a uma amostra de 200 homossexuais cristãos do sexo masculino, contactados através da Associação de Homossexuais de Campina Grande (AHCG). Dos que responderam ao questionário, selecionamos aqueles respondidos pelos indivíduos que congregam ou congregaram nas denominações e grupos já nomeados acima, totalizando trinta e três entrevistas semiestruturadas, nas quais buscamos analisar, de forma comparativa a relação entre religiosidade e

homoafetividade, os discursos institucionais e as experiências de indivíduos homossexuais entre pentecostais, neopentecostais e carismáticos católicos.

As entrevistas tinham por objetivo identificar os tipos de interação entre líderes religiosos e fiéis declarados homossexuais, entre estes e os demais fiéis heterossexuais, no interior das instituições selecionadas, bem como os processos de manipulação do controle expressivo por eles utilizados. Em paralelo, foram analisados os discursos formais a respeito da homossexualidade nas referidas instituições.

A composição das amostras – todas não aleatórias, do tipo intencional – foi a seguinte: 5 sujeitos homossexuais participantes de cada um dos grupos religiosos a serem comparados; 4 líderes de cada denominação escolhida; 2 ex-participantes homossexuais de cada uma das instituições analisadas.

Optou-se por entrevistas semiestruturadas porque estas permitem ao pesquisador dispor de uma guia, com sugestões de perguntas e dicas a serem utilizadas, de forma a garantir que todos os tópicos de interesse da pesquisa sejam abordados. Além disso, esse tipo de entrevista permite a seleção de novas temáticas para aprofundamento e introdução de novas questões que visam alcançar o objetivo proposto.

Na produção do questionário e do roteiro de entrevistas foram utilizadas as seguintes variáveis: nível de instrução dos entrevistados, idade, renda, profissão, tempo de congregação, recepção dos sujeitos dentro das instituições religiosas, eventos discriminatórios, mudanças eventuais dentro do ambiente religioso, cargos ocupados dentro das instituições religiosas pelos indivíduos entrevistados e a visão institucional dos líderes religiosos.

No roteiro dirigido aos líderes religiosos utilizamos as seguintes variáveis: tempo de desempenho da função de líder religioso; idade; renda; tempo de congregação na instituição; a visão

da instituição religiosa a respeito da homossexualidade; o tratamento dispensado aos indivíduos homossexuais que participam, já participaram ou desejam ser membros da instituição; a forma como os indivíduos homossexuais interagem com os demais membros da igreja; os tipos de tratamento/ orientação espiritual que as igrejas disponibilizam para esses indivíduos e os resultados obtidos.

Por fim, cruzamos as informações fornecidas pelos homossexuais e os líderes da igrejas que eles frequentam com a finalidade de estabelecer a relação entre os discursos institucionais e as condutas de indivíduos homossexuais nas igrejas pentecostais, neopentecostais e nos grupos carismáticos católicos.

2 A homossexualidade e as instituições pentecostais, neopentecostais e carismáticas católicas

De acordo com Natividade (2004, p. 1), “os discursos das instituições pentecostais e neopentecostais difundem na atualidade a idéia de cura da homossexualidade”, sendo a base evangélica fortemente marcante no estabelecimento de uma perspectiva interventiva sobre a homossexualidade.

Nos discursos e práticas desse campo religioso convivem diferentes tendências que asseguram a possibilidade de reestruturação da orientação sexual desviante – desde os cultos de libertação, que prometem “expulsar demônios” e “curar” pessoas com esse tipo de “problema espiritual”, aos aconselhamentos pastorais que oferecem “ajuda” para quem deseja “abandonar a homossexualidade” (NATIVIDADE, 2004, p.1).

O discurso religioso pentecostal e neopentecostal encontra-se embasado no discurso cristão do período medieval, o qual considera que a homossexualidade é um estado de possessão

demoníaca. Essa interpretação favoreceu o aparecimento de discursos e práticas repressivos à homossexualidade, os quais a colocaram em uma posição de inferioridade em relação à heterossexualidade.

No Culto da Libertação, realizado pela Igreja Universal do Reino de Deus semanalmente, os líderes religiosos prometem curar pessoas que sofrem com problemas espirituais de cunho demoníaco, incluindo-se o “tratamento” da homossexualidade. Para eles, os homossexuais são indivíduos heterossexuais que tiveram seus corpos possuídos por demônios e, por isso, apresentam características homossexuais.

O discurso das igrejas pentecostais apresenta as práticas homossexuais como resultante de possessão ou influência demoníaca, um problema espiritual cuja solução encontrasse na experiência religiosa. Esse discurso adquire um colorido particular a partir da noção de batalha espiritual, que concebe as práticas homossexuais como parte de um embate entre o bem e o mal, signo da batalha que se opera no mundo – e no corpo do indivíduo – entre anjos celestiais e hierarquias demoníacas. Comunidades pentecostais sinalizam, assim, para a possibilidade de libertação espiritual no âmbito da sexualidade (NATIVIDADE, 2003a; 2003b. p. 1).

De acordo com Clara Mafra (2002), o sistema de rituais da Igreja Universal do Reino de Deus ressalta o sentido performativo dessa forma religiosa, que incentiva a mudança do sentido ontológico. A constante referência ao demônio e a redescoberta do mal personalizado reforçam o dualismo religioso entre o bem e o mal. Mas é no ritual religioso neopentecostal, por meio da purificação individual, em que ocorre a “queima ou amarração” do maligno, que o indivíduo se “liberta” do mal, podendo seu corpo ser habitado

pela presença divina, uma vez que ele é tido como templo de moradia do Espírito Santo.

A constante referência ao demônio e a redescoberta de um mal personalizado reforçam o dualismo entre o bem e o mal e enfocam as performances que se realizam no culto religioso: a manifestação do demônio – e sua confissão acerca do mal que causa aos fiéis – fornece aos participantes um roteiro e um sentido para o sofrimento. Contudo, é também no contexto ritual que o crente aprende a derrotar o maligno. As orações poderosas, a corrente humana e a atuação do pastor, que exerce sua autoridade na expulsão dos demônios, tornam o culto uma espécie de aula de enfrentamento do mal. Desemprego, angústias e aflições são obra daquele que vive a atazanar os homens e a disputar com Deus a habitação do corpo do crente. Em contraste, viver em Cristo e tornar-se um templo do Espírito Santo resguarda das investidas do enganador, capacitando o crente a enfrentar as provações e as tentações no cotidiano (NATIVIDADE, 2006, p.12).

Para Mafra (2002), a cura e a libertação são obtidas pela busca agnóstica de purificação ritual que envolve “queima ou amarração” do maligno, mas nunca sua derrota total. Assim, na “libertação ritual neopentecostal, o demônio nunca é vencido de uma vez por todas, mas sofre derrotas provisórias, uma após outra, no caso de batalhas bem sucedidas” (Mafra, 2002, p. 219). Trata-se de um sistema religioso que objetiva, por meio de processos rituais de purificação, a transformação do indivíduo em um campo, uma superfície apta a ser habitada pela divindade (o Espírito Santo). Mafra (2002), como outros autores, aponta a existência de determinadas formas de construção da subjetividade e da pessoa nesse contexto religioso, no qual as noções de cura, libertação e regeneração pessoal estão

necessariamente presentes no aprendizado da teoria da pessoa dessa cosmologia.

Outro aspecto de grande importância a ressaltar é a visão dos fiéis sobre o ritual de libertação, pois é por meio deles – que envolvem a autoridade do pastor, o dualismo entre o bem e o mal, as orações, a crença dos fiéis etc. – que eles “reconstruem” sua subjetividade. Os cultos de libertação funcionam também como uma escola onde eles aprendem a produzir e reproduzir discursos e práticas estigmatizantes que circunscrevem um ideal a ser atingido: a adequação a um modelo de gênero condizente com o ideal de homem e de mulher de Deus.

Para a Assembleia de Deus, a homossexualidade é vista como posseção dos indivíduos por divindades das religiões afro, como, por exemplo, a Pomba Gira. Para tirar o indivíduo desse estágio de posseção por uma entidade espiritual malévola a instituição utiliza rituais de exorcismo, com o objetivo de expulsar o mal.

Além dos rituais de exorcismo, a Assembleia de Deus investe na crença da cura pela submissão do pecador ou incrédulo às regras da comunidade, de modo que a cura dar-se-á pela adequação deste às regras e prescrições religiosas da instituição, de modo que os convertidos consigam obter o poder mediador do Espírito Santo para se curar do pecado, que é associado ao castigo e à degeneração humana, em oposição à onipotência de Deus.

O trabalho de Neves (1984) sobre comunidades da Assembleia de Deus aponta uma perspectiva analítica relevante. De acordo com a autora, fenômenos de cura milagrosa, em um sentido genérico, reportam à necessidade de ordenar, submeter o indivíduo divergente ou sem fé às regras vigentes entre os crentes. O ideal de cura enfatiza a necessidade de adequação do indivíduo às normas e às prescrições religiosas, visto que o adoecimento e os infortúnios, de uma forma geral, remetem ao distanciamen-

to em relação a Deus e à submissão aos prazeres carnis. Fenômenos de cura espiritual podem ser mais bem entendidos se inseridos no contexto de “atos ritualizados, que expressam a relação dos homens com o mundo por eles sobrenaturalizado ou com os poderes que atribuem às divindades” (NEVES, 1984, p. 5). Com efeito, a noção de cura milagrosa pressupõe classificações relativas à doença e à saúde (felicidade e infortúnio), inseridas em um quadro referencial cosmológico e doutrinário (NATIVIDADE, 2006, p. 11).

Nesta perspectiva, o processo de cura abrangeria um conjunto muito amplo de pecados, que englobam tanto problemas orgânicos, desavenças familiares, desemprego e vícios de qualquer ordem, como os possíveis desvios na esfera da sexualidade (adultério, homossexualismo, pedofilia etc.).

Outro discurso presente no cenário protestante é a “visão psicologizante da homossexualidade, segundo a qual essa prática sexual seria um fruto de uma marcante experiência passada, que colabora na constituição de uma identidade sexual deformada” (NATIVIDADE, 2004, p. 4).

Nesse sentido, a homossexualidade é o resultado de lares disfuncionais, famílias desestruturadas, experiências que acarretaram numa distorção de personalidade através da identificação com papéis de gêneros inadequados. Desse modo, o homossexualismo encontra-se associado às categorias de abuso e de violência, podendo ainda ser relacionado com o vício, dependência sexual da qual o indivíduo poderá curar-se também por meio da agência do Espírito Santo sobre as lembranças passadas.

O discurso pastoral católico sobre o tema contrasta com o evangélico. De acordo com Natividade (2004), ele oferece como opção de cura da homossexualidade a “terapia” para reorientação espiritual, pois, para o catolicismo, existe “uma ênfase na ideia de que esses

indivíduos podem exercer uma vida em conformidade com os preceitos da cristandade mesmo sem deixarem de ‘ser’ homossexuais, através do exercício do celibato e do cultivo da castidade” (NATIVIDADE, 2004, p. 2).

Ainda de acordo com o autor (2004), a produção discursiva católica que envolve os temas família e sexualidade encontra-se menos segmentada que a evangélica e não conta com títulos especificamente voltados para a homossexualidade. No documento elaborado pelo Conselho Pontifício para a Família e veiculado pelo Vaticano, o qual se volta para a “família” e a “educação cristã”, enfatiza-se a homossexualidade em passagens específicas do texto, que permeiam esse discurso em duas linhas gerais de problematização: a crítica a uma banalização “cultural” do sexo e ao seu correlativo individual – o uso do prazer em atitude de hedonismo egoísta.

A sexualidade humana, no referido documento, é apresentada como dádiva divina, a cuja essência verdadeira só se chegaria através do amor. Isto é, o amor é a manifestação da dádiva de Deus que se apresentaria no ser humano por meio de duas formas de expressão: o amor virginal e o amor conjugal.

O amor virginal é colocado como a doação de si mesmo, renunciando o indivíduo a seu desejo egoísta do prazer sexual, o que favorece o desenvolvimento do seu autocontrole e o respeito a si mesmo e aos outros; já o amor conjugal, como o nome já nos aponta, é aquele vivido no matrimônio, em que existe a negação de si mesmo em prol da família (cônjuge e filhos).

Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente Dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao ‘conhecimento’ recíproco, não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no Dom da vida a uma nova pessoa

humana. Deste modo, os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e ser mãe (NATIVIDADE, 1998, p. 19-20).

É com esse discurso de amor original expresso em dádiva da criação que se estabelece a problematização da homossexualidade, concebida como uma expressão de prazer egoísta, pois a homossexualidade, na visão da Igreja interromperia a circulação da dádiva. As relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo gerariam uma ruptura nessa rede de reciprocidade por não contribuírem para a geração (física) de outro ser humano. Esses “atos egoístas” seriam ainda contrários à “lei natural”: A desordem no uso do sexo tende a destruir progressivamente a capacidade de amar da pessoa, fazendo do prazer – em lugar do dom sincero de si – o fim da sexualidade e reduzindo as outras pessoas a objetos da própria gratificação (NATIVIDADE, 1998, p. 92).

No discurso católico estabelece-se uma distinção entre “atos” e “tendências” homossexuais. Natividade (2004, p.3) nos relata que “enquanto as últimas podem ser inatas, os primeiros são expressão de um uso desordenado do sexo que, como outros, gera consequências nocivas sobre a pessoa”.

As tendências homoeróticas são concebidas como passíveis de cura através de terapias apropriadas, ministradas por profissionais especializados. Assim, enquanto as instituições evangélicas defendem que a intervenção terapêutica para homossexualidade seja feita no interior da própria instituição, as instituições católicas defendem que o processo terapêutico seja realizado por profissionais especialistas, podendo esse tratamento ser realizado tanto dentro como fora da esfera religiosa.

As tendências homoeróticas

também são caracterizadas como uma provação, uma vez que todos os seres humanos são concebidos com um chamado vocacional ao exercício do amor virginal, da autodoação e da abnegação. Segundo Natividade (1998, p. 92), “Essas pessoas são chamadas a realizar, na sua vida, a vontade de Deus, e se são cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido a sua condição.”

Recentemente algumas igrejas têm apresentado uma ênfase à ética e não à orientação sexual. Essas iniciativas isoladas são objeto de crítica entre os evangélicos por não difundirem a ideia de cura e por parecerem um segmento que opta pela sistematização de uma teologia que prioriza a noção de uma sexualidade responsável, desfocando-se da problematização da homossexualidade.

3 As experiências dos indivíduos homossexuais nas instituições religiosas analisadas

No início da nossa pesquisa de campo, entregamos questionários de pesquisa a todos os membros da Associação de Homossexuais de Campina Grande, com o intuito de explorar o campo de interesse de nosso estudo e de selecionar os indivíduos que seriam entrevistados, procurando aqueles homossexuais que se congregavam ou já haviam se congregado nas instituições religiosas aqui focalizadas.

No segundo momento foram selecionados alguns sujeitos que responderam ao questionário para a realização das entrevistas, com o objetivo de aprofundar algumas questões e pontos elucidados a partir da análise dos questionários.

A produção do questionário e do roteiro de entrevistas baseou-se nas seguintes variáveis: nível de instrução dos entrevistados, idade, renda, profissão, afiliação religiosa, tempo de participação na instituição religiosa, a recepção dos sujeitos dentro das insti-

tuições religiosas, eventos discriminatórios, mudanças eventuais dentro do ambiente religioso, cargos ocupados dentro das instituições religiosas pelos indivíduos entrevistados e a visão institucional dos líderes religiosos sobre a homossexualidade.

Com relação à localização das instituições das quais participam os sujeitos da nossa pesquisa, coletamos dados de duas comunidades de cada instituição, sendo uma central e a outra da periferia de Campina Grande.

Para composição da amostra, selecionamos 14 sujeitos participantes de cada um dos grupos religiosos estudados, sendo assim distribuídos: 7 nas comunidades centrais e 7 nas comunidades dos bairros; sendo 2 de cada grupo ex-participantes das instituições analisadas. Foram entregues ao presidente da Associação de Homossexuais de Campina Grande, 200 (duzentos) questionários, que foram todos respondidos. Em seguida selecionamos os questionários respondidos pelos membros que se congregavam ou já haviam se congregado nas instituições que nos propomos a analisar, dos questionários das instituições que continham a maior quantidade de membros homossexuais para entrevistarmos a posteriori.

De acordo com os dados dos questionários, percebemos que, apesar de os indivíduos se autodeclararem como homossexuais no espaço externo ao campo religioso, uma grande parte não o faz dentro das instituições religiosas.

De acordo com Natividade (2003, p. 24), “ser gay dentro de uma igreja conservadora é uma impossibilidade, pois não há lugar para essa pessoa, a menos que ela venha a aderir à norma e se torne ex-homossexual”. A duplicidade da identidade sexual, segundo este autor, é uma característica comum na vida dos indivíduos homossexuais que se congregam em instituições religiosas cristãs, pois esses passam a assumir dentro dessas instituições uma identidade heterossexual para evitar o precon-

ceito e a negação da sociedade, além de ser uma forma de se sentirem aceitos pelos demais membros da instituição.

Já entre os homossexuais que declaram publicamente sua orientação sexual, percebemos que os sujeitos que congregam nas instituições da periferia de nossa cidade explicitam mais sua orientação sexual que os que congregam nas instituições centrais. Também podemos observar que os indivíduos que congregam na Igreja Universal do Reino de Deus do Centro não revelam sua orientação sexual dentro do ambiente religioso. Em nossa amostra, a Renovação Carismática é a instituição que mais apresenta sujeitos que se declaram publicamente como homossexuais.

Este fato de ocultar sua orientação sexual se refere ao que Goffman (1982) conceituou como características do estigma, que são manipuladas para que não venham desqualificar o indivíduo que escolhe quando deve ou não ocultar informações sobre aquelas.

Nas entrevistas, tivemos por objetivo entender os seguintes aspectos: (1) como é a convivência entre fiéis que se autodeclaram homossexuais e os outros nas instituições religiosas selecionadas; (2) como os líderes religiosos e os fiéis que se autodeclaram heterossexuais veem e tratam os indivíduos homoeróticos; (3) quais os discursos formais formulados pelas instituições sobre o tema homossexualidade; (4) quais os principais motivos para a saída dos homossexuais das instituições religiosas estudadas.

Com relação à acolhida, observamos que as instituições religiosas da periferia acolhem os homossexuais com menos restrições do que as instituições localizadas no centro de nossa cidade. De acordo com as nossas observações do campo religioso local, percebemos que isso pode ser explicado por uma determinada hierarquização, segundo a qual os templos localizados no centro da cidade seriam considerados superiores pelos fiéis da periferia, sendo o aces-

so a esses templos e a participação neles objeto de maior restrição e exigência em todos os campos do que o acesso aos templos da periferia e a participação nestes. Sendo assim, por exemplo, um casal que vive junto, mas não tem sua situação legalizada (união formal), pode tranquilamente participar das atividades de uma igreja na periferia – cantar no coral, por exemplo, enquanto no templo central isso seria impossível.

Em nossa pesquisa percebemos que, para a Igreja Universal do Reino de Deus localizada do centro de nossa cidade, o fator financeiro tem um papel relevante no que se refere ao tratamento dos fiéis, pois se um membro desta instituição dispuser de um capital econômico, seu tratamento será diferenciado dentro dessa congregação, independentemente de ele ser ou não concebido como homossexual.

Com relação à questão de declarar-se ou não homossexual, assim como indicado na literatura pertinente (NATIVIDADE, 2005), encontramos, entre os entrevistados, o jogo de explicitação e ocultação dentro e fora das instituições estudadas. Os indivíduos homossexuais preferem esconder sua orientação sexual a correr o risco de serem vítimas de preconceitos por parte dos adeptos das religiões estudadas.

Podemos perceber as seguintes diferenças entre as instituições Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e Católica Carismática no que se refere a esse ponto. Os católicos ainda se apresentam como a instituição mais “tolerante” com relação à aceitação dos indivíduos homossexuais, que não precisam passar por rituais de exorcismo como ocorre nas outras instituições. Todavia, a exigência que lhes é feita é que não realizem os seus desejos, reprimindo a prática de sexo com iguais.

O fato de os grupos carismáticos católicos aceitarem que os indivíduos homossexuais sejam membros de suas instituições sem deixarem de ser homossexuais, desde que abandonem as suas práticas homossexuais, pode ser

concebido como uma forma de violência simbólica, conforme definida por Bourdieu (apud BONNEWITZ, 2003), como uma violência que se exerce sobre um agente social com a sua cumplicidade, ou seja, o indivíduo reproduz o discurso dominante por achá-lo natural sem perceber a violência que é por ele mediada.

Já sobre a relação dos sujeitos homossexuais com os outros membros das comunidades religiosas das quais participam os entrevistados, eles relataram que nunca tiveram desavenças ou desentendimentos com os líderes religiosos das instituições em que frequentam ou com os outros fiéis; porém, quando pedimos para eles descreverem a relação com estes, percebe-se uma discrepância em relação à descrição das relações entre gays e não gays nas comunidades religiosas de que participam.

No que se refere aos processos de “cura” as instituições pentecostais e neopentecostais têm rituais específicos para tratar o homossexualismo. Com base na ideia tradicional e histórica da homossexualidade como uma doença, na Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, para serem aceitos como membros, os homossexuais necessitam passar por um ritual, que lhes é oferecido nos “cultos da libertação”.

Perguntamos aos entrevistados que fazem parte da Igreja Universal do Reino de Deus se eles passaram por esse ritual para serem aceitos como adeptos desta instituição e como foi participar desse rito e quais as mudanças ocorridas dentro da instituição depois desse acontecimento.

Observamos que a maioria dos sujeitos entrevistados prefere não participar desses rituais, pois acreditam que o discurso disseminado pelas igrejas de que a homossexualidade é algo demoníaco, constitui um discurso classificativo e estigmatizante pelos sujeitos que seriam seu objeto, funcionando os rituais aos quais se submetem como meios de eles se livrarem das características socialmente desqualificantes.

Ao perguntar aos nossos entrevistados se eles já haviam sido vítimas de preconceitos ou discriminação, podemos perceber que a leitura de qual instituição é mais ou menos tolerante com os homossexuais é difícil de fazer com base nos nossos dados, já que 80% dos nossos entrevistados declaram ocultar sua orientação sexual, o que nos coloca numa situação difícil em termos de análise, já que não há dados secundários sobre a eficácia de suas representações identitárias encenadas com o objetivo da ocultação de sua orientação sexual. A observação de mais preconceito e discriminação nos templos do centro do que nos da periferia urbana se repetem, bem como uma maior incidência desses eventos na Assembleia de Deus.

Um dos entrevistados declarado ex-gay, congregante da Assembleia de Deus, aponta uma certa política de negociação com a estigmatização, jogando com a fórmula de cura que algumas instituições religiosas oferecem: “- Quando me dizia gay era mal tratado, mas depois que passei pelo ritual de exorcismo e me declarei ex-gay fui respeitado”.

Mesmo não se declarando publicamente homossexuais, os casos dos demais que responderam terem sido vítimas do preconceito, passando por situações de constrangimento dentro dessas instituições, podem ser entendidos como ocasionados por uma manutenção falha do seu controle expressivo. De acordo com Goffman (1989), certos gestos ou pequenos indícios podem ter implicações inconvenientes para a representação do ator, pois este pode exibir para o seu público a falsidade da representação, sua inconsistência.

4 Considerações finais

Neste trabalho, consideramos que a homossexualidade pode ser entendida como uma construção social, elaborada com a mediação de discursos e práticas socioculturais sobre o

sexo, os quais produzem e reproduzem “verdades” e dispositivos de sexualidade, mobilizando relações de poder em cujo âmbito classifica-se o que é normal e natural em contrapartida ao anormal e ao desvio. Na nossa sociedade, por exemplo, aqueles que são classificados como homossexuais são categorizados muitas vezes como desviantes e anormais.

Os que são classificados como homossexuais carregam consigo uma marca que, em certa medida, os estigmatiza no convívio social. Esse estigma afeta as relações sociais dos que o carregam, inclusive aquelas que acontecem nas instituições religiosas, influenciando nas chances de liderança, nos níveis de aceitação e aprovação em geral, sendo assim, um fator importante na negociação e construção das identidades dos homossexuais.

Nos questionários e entrevistas com indivíduos que se autot classificam de homossexuais sobre suas experiências em instituições religiosas, confirmamos o que a literatura especializada (NATIVIDADE, 2004, por exemplo) apresenta como tendências socioculturais: a dificuldade institucional de aceitar as práticas homossexuais como normais e as estratégias comuns de ocultação e mascaramento por parte dos indivíduos homossexuais em suas vivências nas igrejas e nas redes de relacionamentos com outros indivíduos religiosos. A vivência, dentro nas instituições religiosas, resulta em uma duplicidade da identidade sexual dos homossexuais, os quais não se declaram gays nas igrejas, ou se declaram gays fora dessas instituições e ex-gays dentro do convívio religioso.

Também observamos que as instituições religiosas repetem uma característica observada na sociedade envolvente, qual seja a de aceitar mais os gays nas atividades artísticas em geral.

Uma tendência observada em

todas as instituições analisadas foi o discurso apologético da conversão, segundo o qual a filiação religiosa, a participação genuína nas experiências religiosas oferecidas pelas igrejas estudadas exige e deve resultar na cura da homossexualidade, no abandono das práticas homossexuais. Emergem nas várias igrejas frequentadas pelos informantes que entrevistamos as figuras do ex-gay, do gay curado.

Encontramos também diferenças entre os discursos elaborados pelas igrejas analisadas em relação à homossexualidade. As instituições Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus concebem a homossexualidade como um estado de incorporação demoníaca, de modo que o homossexual seria visto, segundo esta perspectiva, como um sujeito heterossexual que se encontraria em um estado de homossexualidade por estar sob a influência do mal. O “acolhimento” dos homossexuais nos cultos dessas instituições visam o seu engajamento por meio de um projeto de regeneração moral que se realizaria pela libertação do homossexualismo, ou seja, por meio de “exorcismos”, cura ou terapias.

Os grupos carismáticos católicos concebem a homossexualidade como um trauma psicológico. Os atuais homossexuais “nascem heterossexuais” e, em decorrência de fatores externos, como traumas familiares, tornam-se infelizes, deprimidos e instáveis, desenvolvendo desejos homossexuais por efeito dessas experiências passadas. A homossexualidade não é vista como uma identidade, mas como o sintoma de uma trajetória pessoal percorrida em ambientes que não correspondem ao modelo ideal da família cristã.

As conclusões mais gerais desta pesquisa são as seguintes:

(1) os posicionamentos tanto católicos como evangélicos expressam a persistência de uma rejeição às práticas ho-

mossexuais, qualificadas como pecado a partir de diferentes estratégias discursivas;

(2) as diferentes formas de rejeição e de desqualificação da diversidade sexual sustentadas por esses discursos produzem e reproduzem formas de estigmatização, além de influenciarem os processos de constituição da subjetividade e da identidade dos homossexuais.

NOTAS

3 Neste artigo foi usado o termo “homossexualidade”, porque os indivíduos entrevistados na nossa pesquisa preferem ser chamados desta forma. Mas, segundo o psicanalista Jurandir Freire Costa, o termo politicamente correto a se adotar é homoerotismo, uma vez que esta palavra é uma tentativa de evitar o uso preconceituoso do termo. Ver mais em <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/edicao/teoria-e-debate/edicoes-antiores/sociedade-entrevista-jurandir-freire-costa->>

4 Dada a amplitude do universo em questão, foram selecionadas para análise as seguintes denominações Neopentecostal – Igreja Universal do Reino de Deus; Pentecostal – Assembleia de Deus; Carismática Católica.

5 Termo utilizado por Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira no texto, Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores.

6 No Brasil, com a valorização dos direitos civis e humanos, os homossexuais lutam pela aprovação do Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122/06, o qual toma crime a discriminação ou o preconceito de pessoas por sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero, abrangendo os transexuais e os travestis.

7 Esse discurso aparece na literatura religiosa sobre cura da homossexualidade, grande parte composta de livros estrangeiros, disponíveis em livrarias brasileiras. O material contempla conteúdos doutrinários e depoimentos, caracterizando um tipo de literatura de autoajuda. Cf. Bob Davies. Deixando a homossexualidade: uma nova liberdade para homens e mulheres. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. Mario Bergner. Amor restaurado: esperança e cura para o homossexual. São Paulo: Sepal, 2000. Leanne Payne. A cura do homossexual. Rio de Janeiro: Louva a Deus, 1994. Este discurso emerge também no âmbito de organizações religiosas que atuam na “recuperação” de homossexuais, como o Movimento pela Sexualidade Sã (MOSES) e o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), ambas sediadas no Rio de Janeiro. Cf. João Luiz Santolin, Para Deus não há aceitação. Rio de Janeiro: MOSES [mimeo]. (Natividade, 2004, p.4)

8 A Associação de Homossexuais de Campina Grande (AHCG) foi constituída desde 20/05/2004, localizando-se na Rua Irineu Joffily nº 207 – Centro- Campina Grande – PB. A associação disponibiliza assistência psicológica e jurídica para os seus associados.

9 O capital econômico é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais (BONNEWITZ, 2003, p.53)

10 Para a Igreja Católica, a homossexualidade em si não é um pecado, mas sim as práticas homossexuais. Ver o discurso do Papa João Paulo II, por ocasião do Ângelus, em 09 de Julho de 2000, no site <<http://www.paideamor.com.br/artigos/homossexualismo/homossex.htm>>

11 No Culto da Libertação, o pastor chama o fiel homossexual para subir ao altar, em seguida pede para que o fiel, definido como em estado de posseção olhe para ele. Depois ele levanta os braços e os movimenta como se estivesse batendo em alguém e fala para a assembleia algo como “nós, irmãos, temos que bater no diabo, neste espírito de pomba gira”. Em seguida, ele ordena que o diabo saia daquele indivíduo em nome de Jesus e sopra no rosto do sujeito. E, por fim, o pastor e seus obreiros colocam as mãos sobre a cabeça do fiel, o sacerdote falando “em nome de Jesus esta maldição foi quebrada” e pedem para que toda a assembleia bata palmas.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Martinho Tota Filho Rocha de. **Identidades fragmentadas**: cultura e Grande. UFCG/PB. 2006.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Boudieu**, Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. V 1. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. V 2. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o cuidado de si. V 3. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de M. L. Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, Erving, 1922-1982. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

MARIZ, Cecília L; MACHADO, Maria das Dores. **Sincretismo e trânsito religioso**: comparando carismáticos e pentecostais. Comunicações do ISER, n 45. Rio de Janeiro: ISER, 1994.

_____. **O demônio e os pentecostais no Brasil**. Identidade e mudança na religiosidade latino-americana. Petrópolis; RJ: Vozes, 2001.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Carreiras homossexuais e pentecostalismo: uma análise de biografias.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 2003 a.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções,** *Religião e Sociedade*, V. 23, n 1. Rio de Janeiro: ISER, 2003b.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. OLIVEIRA, Leandro de. Algumas Tendências Recentes Nos Discursos Evangélico e Católico Sobre a Homossexualidade. **Revista SEXUALIDADE**, ano XI, nº 22, dezembro 2004.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, V. 21, n 61, jun 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad.** Nº 2. Ano 2009 - pp.121-161

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal.** Sexualidade, família e ethos religioso / organizadores, Maria Luiza Heilborn.[et al.]. – Rio de Janeiro : Garamond, 2005 – pp.247-272

NEVES, Delma Pessanha. **As Curas Milagrosas e a Idealização da Ordem Social.** Niterói: UFF, 1984.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos,** 7º ed, Campina, S. P,Pontes, 2007.

ORLANDI, Enni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 4º ed. Campinas: Pontes, 1996.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus.** São Paulo: Rosa dos Tempos, 1999.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média;** Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.